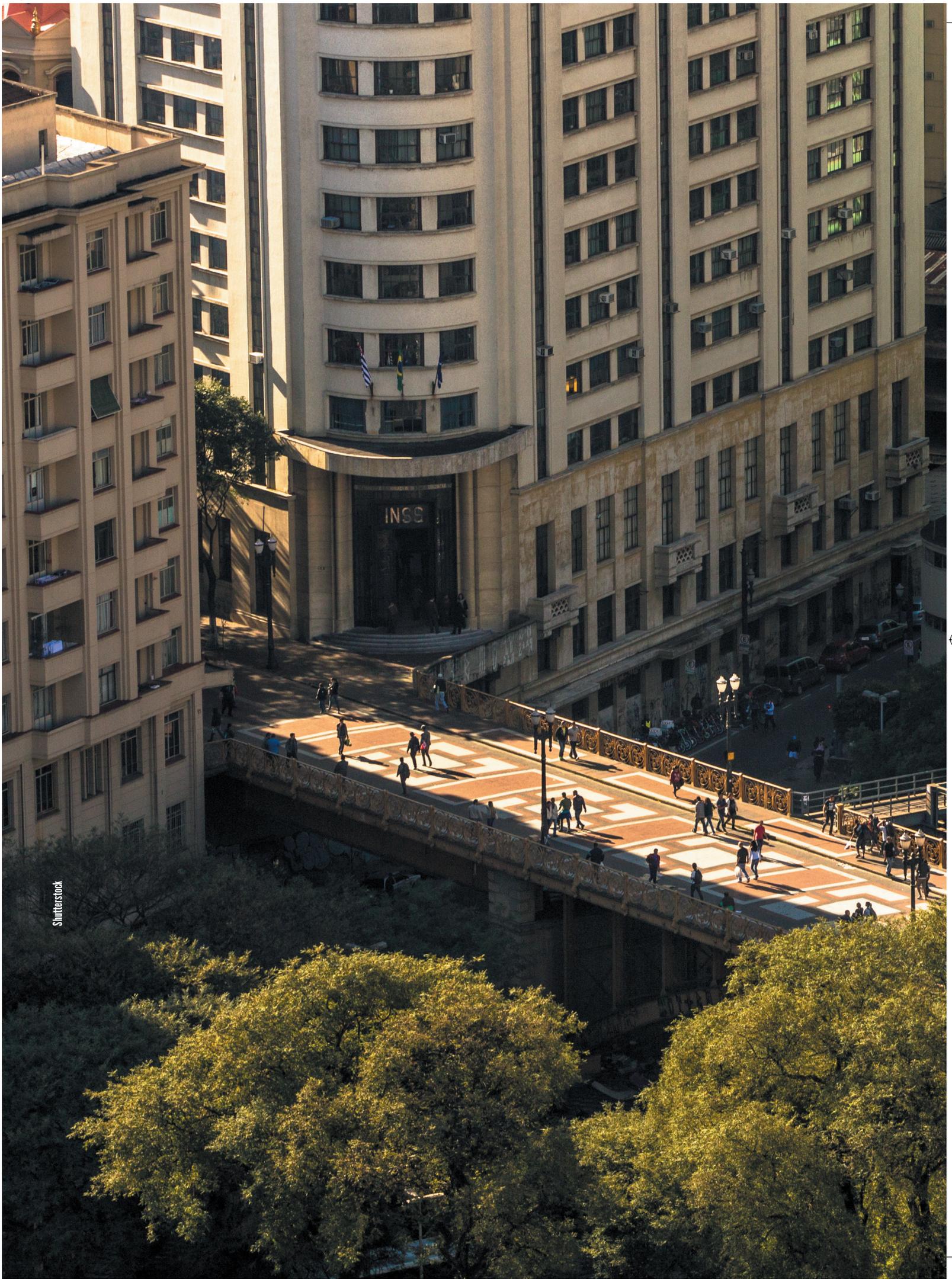


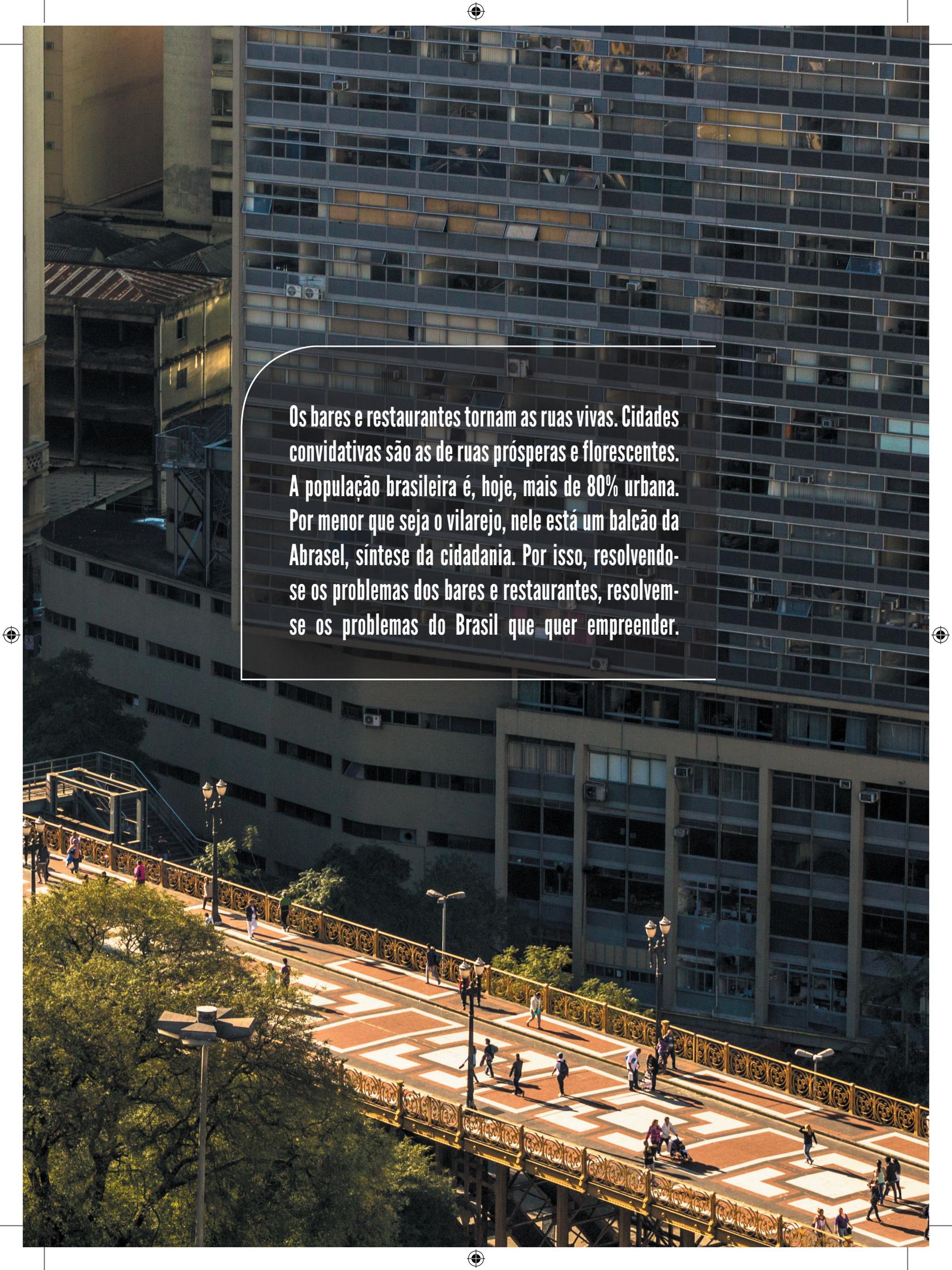
MANIFESTO SIMPLIFICA BRASIL

abrasel

Shutterstock



Shutterstock



Os bares e restaurantes tornam as ruas vivas. Cidades convidativas são as de ruas prósperas e florescentes. A população brasileira é, hoje, mais de 80% urbana. Por menor que seja o vilarejo, nele está um balcão da Abrasel, síntese da cidadania. Por isso, resolvendo-se os problemas dos bares e restaurantes, resolvem-se os problemas do Brasil que quer empreender.

O IDEÁRIO QUE A ABRASEL OFERECE À REFLEXÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA ESTÁ EXPRESSO NESTE MANIFESTO, ENCABEÇADO PELO SEGUINTE TÍTULO:

A PARTIR DAS RUAS, SIMPLIFICA BRASIL

O mais representativo e legítimo pacto nacional é o que nasce das ruas. Inicia-se nas cidades. Vem das bases da nacionalidade, de baixo para cima, como convém a uma autêntica democracia contemporânea.

Mais de 80% dos brasileiros vivem nos espaços urbanos. As cidades tornaram-se, assim, sinônimo de cidadania. É por meio delas que o país pode mais rapidamente avançar em direção a um renovado ciclo social, ambiental e econômico, que nos conduza ao florescimento de uma prosperidade mais democrática e duradoura.

Ou seja, a base da vida nacional está cada vez mais assentada nas cidades. E a qualidade das cidades é facilmente percebida pela saúde de suas ruas vivas, seguras, versáteis, propícias aos entrelaçamentos humanos, em todos os matizes de idade, gênero, renda, etnia, status. Olhando qualquer cidade pelas lentes do microscópio, vê-se que suas ruas são as células do organismo urbano.

Quando são pálidas e descoradas, as ruas revelam a anemia do corpo urbano, como um todo. Mostram que estão esvaziadas de pessoas. Isso significa que as gentes das cidades desvitalizadas vivem umas distantes das outras, apartadas entre si. Para que nas cidades haja ruas seguras, sustentáveis e saudáveis é preciso que os espaços urbanos tenham o jeito Abrasel de ser, em que se combinem o mais livre empreender com as ruas de toldos de cafés, restaurantes, bares e confeitarias, desde o amanhecer ao início da noite.

No jeito Abrasel de ser, as ruas são endereços de moradias, hotéis, supermercados, farmácias, floriculturas, escritórios e consultórios, escolas, hospitais, museus, igrejas. As células das ruas saudáveis, seguras e sustentáveis produzem a vitalidade do organismo urbano. O pré-requisito para que isso ocorra é que o ambiente esteja arejado pela facilidade de empreender. As complicações burocráticas, como as tributárias ou trabalhistas, aniquilam os estabelecimentos voltados às ruas, desertificando-as.

Há inquestionáveis conexões de causa e efeito entre estas três dimensões: ruas vivas, cidades florescentes, e uma nação socialmente coesa. Daí por que faz sentido a frase metafórica, segundo a qual, ao se resolver o problema dos bares e restaurantes, por consequência direta resolvem-se os problemas do Brasil. São os estabelecimentos de portas permanentemente escancaradas para as calçadas e, portanto, para a cidadania, que podem girar a chave de ignição, dando-se

a partida rumo ao novo pacto institucional brasileiro.

O pacto requer que se redesenhem as cidades. Que elas tenham, indistintamente, moradia social nas regiões centrais, transporte público em quantidade e qualidade, reciclagem do lixo, saneamento básico. Que as cidades sejam compactas, com residências próximas ao trabalho, à escola, ao hospital, ao comércio, aos escritórios. Que nelas haja parques, praças e espaços públicos socialmente compartilháveis. O grande acordo nacional tem, por conseguinte, implicações nas áreas de saúde, educação, segurança, mobilidade, preservação ambiental.

Eis, em linhas gerais, a síntese deste manifesto **A partir das ruas, simplifica Brasil.**

O documento mostra que é perfeitamente possível a todos nós usufruir do imprescindível direito a uma cidade sustentável, segura, saudável, socialmente diversificada, bem no jeito Abrasel de ser.

Aqui, agora e sempre: onde há Brasil, Abrasel.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ABRASEL NACIONAL (2018 / 2020)

Presidente do Conselho de Administração
Paulo Nonaka

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Rodrigo Freire - Conselheiro
Pedro Hoffmann - Conselheiro
Newton Pereira - Conselheiro
Célio Salles - Conselheiro
Brandão Júnior - Conselheiro
João Felipe - Conselheiro
Raphael Dabdab - Suplente
Rosane Oliveira - Suplente
Max Fonseca - Suplente

CONSELHO FISCAL ABRASEL NACIONAL (2018 / 2020)

Presidente Conselho Fiscal
Fernando Júnior (Nando)

CONSELHO FISCAL

Marcelo Pereira - Conselheiro
Fernanda Tartoni - Conselheira
Neide Lisboa - Suplente
Núncio Natrielli - Suplente
Marcelino Lopes - Suplente

abrasel

MANIFESTO SIMPLIFICA BRASIL

O jeito Abrasel de ser é o de uma sociedade que funciona de modo mais simples.

Por isso, a campanha: Simplifica, Brasil.

Que a simplificação da vida brasileira ocorra a partir das ruas, dos bares, cafés e restaurantes, tal e qual acontece nas cidades com o jeito Abrasel de ser.

No jeito Abrasel de ser, as ruas das cidades são o imenso palco de um espetáculo diário: o balé de gentes nas calçadas, o espetáculo que cotidianamente se apresenta nos movimentos dos passantes, com as mais surpreendentes variações de figurino e coreografia.

As cidades leves e soltas são os nossos destinos turísticos preferidos. O que queremos? As ruas com diversificado comércio, com moradias, escritórios, bares, restaurantes, cafés, mesinhas debaixo dos toldos, bicicletários, livrarias, hotéis, escolas, bancas de revistas, floriculturas, galerias de arte, pontos de ônibus.

Há centenas de cidades com o jeito Abrasel de ser. Elas estão na Europa, desde a Escandinávia até o Mediterrâneo. Há muitas nos Estados Unidos e no Canadá. Suas ruas são vivas, seguras, sócio-diversificadas, sustentáveis, saudáveis.

Os brasileiros buscam, aqui mesmo, um espaço urbano de diversidades e pluralidades amalgamadas, que tão comumente se veem nas cidades europeias. Na maioria das nossas capitais, existem áreas pulsantes, com a vida muito compartilhada. Em São Paulo, nos bairros de Higienópolis, Vila Madalena e Pinheiros. Em Porto Alegre, na Cidade Baixa e em trechos de Petrópolis e do Moinhos de Vento. Em Belo Horizonte, na região da Savassi e no bairro de Lourdes.

Na zona sul do Rio: Copacabana, Leblon, Ipanema, Botafogo, trechos da Tijuca.

Há no Brasil, portanto, uma promessa de luz, que deve ser irradiada e ampliada, como um conceito geral de urbanismo. As iniciativas, nesse sentido, são apoiadas pela Abrasel. Entre elas, melhoria das calçadas, moradia nas áreas centrais, aumento da frequência do transporte público à noite, investimentos em ciclovias, regulamentação do comércio varejista nos eixos viários dos bairros residenciais, integração das favelas às cidades, por meio de equipamentos públicos e políticas sociais.

Para que as cidades brasileiras se projetem no jeito Abrasel de ser, as administrações municipais precisam de uma visão estratégica orientada para o urbanismo da cidade plural, segura e sustentável. Que o país incorpore sua imensa legião de arquitetos ao primeiro plano da gestão urbana, das vilas às grandes metrópoles.

Que haja, da Amazônia aos Pampas, uma ação integral e integrada em relação ao saneamento básico, compreendendo o esgoto, o lixo, a drenagem e o melhor aproveitamento das águas. O país também precisa virar a página de uma longa trajetória de desleixo e descaso na ocupação do solo urbano, com seus recorrentes episódios de alagamentos e deslizamentos de terra. Visto apenas sob o ângulo do saneamento básico, o Brasil aparece como um dos mais atrasados do mundo. Metade de sua população ainda não tem acesso à rede de esgoto. Do esgoto que é coletado, 57% não são tratados. Mais de 15% das casas continuam sem água potável.

¹ Jacobs, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*, 3ª edição, pág.52. Editora WMF Martins Fontes Ltda. "O balé da boa calçada nunca se repete em outro lugar, e em qualquer lugar está sempre repleto de novas improvisações".



Shutterstock

Stone Street, a rua de paralelepípedos, no distrito financeiro de Nova York, mescla bares, lanchonetes, moradias em estúdios e lofts

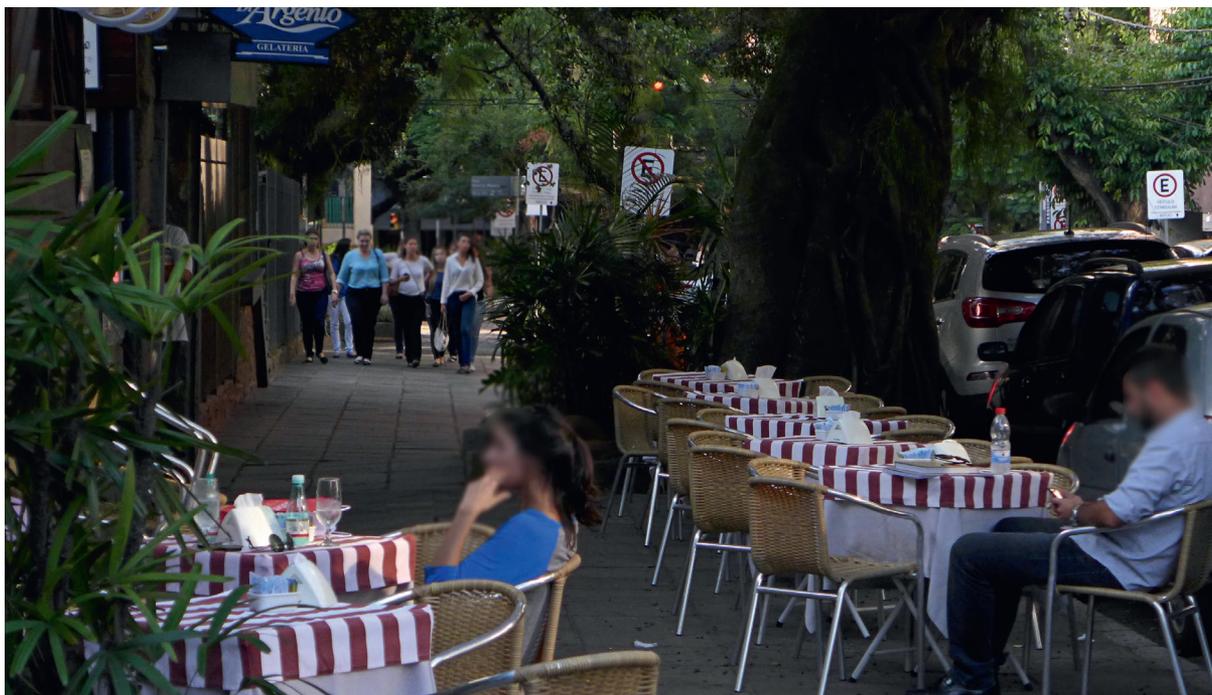
ONDE A LIVRE INICIATIVA É MAIS LIVRE É QUE OCORRE A PROLIFERAÇÃO DAS CIDADES QUE TÊM O JEITO ABRASEL DE SER

Uma coisa está ligada à outra. As cidades das gentes são as cidades das ruas vivas. E as ruas com toldos, vitrines, cafés, escolas, hotéis, habitações e escritórios são a mais ampla vitrine de uma sociedade aberta aos negócios e às oportunidades de trabalho.

Com menos burocracia, a roda dos negócios e dos empregos gira melhor. O cotidiano flui mais tranquilamente. O dia rende mais, sobra mais tempo para o descanso e o lazer. Os negócios tornam-se mais estáveis, rentáveis e duradouros. Os empregos, também.

A menor máquina burocrática come menos dinheiro do pagador de impostos. E os impostos retornam aos cidadãos na forma de mais e melhores serviços públicos universalizados e gratuitos, principalmente os da saúde e educação.

Ao perder menos tempo no trânsito e na burocracia, sobra mais tempo para o descanso e o entretenimento, para a cultura e a vida em família.



Marro de Santi

A arborizada Rua Padre Chagas, no Moinhos de Vento, em Porto Alegre, com lojas da moda, cafês, restaurantes, hotéis e residências

OS URBANISTAS DENOMINAM AS CIDADES DE RUAS VIVAS DE CIDADES COMPACTAS, OU CIDADES DE USOS MISTOS

As cidades compactas são as que mesclam moradia, comércio, educação, trabalho e lazer. Cidades de parques e praças. Cidades do transporte público de qualidade. O maior adensamento de habitantes dá escala aos serviços de ônibus e metrô, barateando-os.

As cidades em que o trabalho é mais próximo de casa, e a casa mais perto do estudo e do divertimento, possibilitam caminhadas rotineiras, que fazem bem à saúde, arejam a mente, distraem os olhos.

Quando as pessoas moram mais perto de onde trabalham e divertem-se, estudam mais perto de onde moram, alimentam-se nos restaurantes vizinhos ao escritório, encontram-se com os amigos no barzinho logo ali na esquina, a acessibilidade ganha dimensão e qualidade. Nos itinerários de rotina, as

peessoas deixam de lado a chave do carro. Com menos automóveis, o trânsito fica mais à disposição do transporte coletivo. As palavras acessibilidade e mobilidade tornam-se sinônimo.

Quando o jovem quer conciliar estudo com trabalho, a escola próxima do restaurante facilita esse

elo. Mas, para tanto, é preciso que as leis trabalhistas assim permitam, como ocorre nos países que mais se desenvolveram. Os horários do trabalho são móveis, flexíveis, intermitentes. E esta cena torna-se comum: jovens indo e vindo, da escola para o trabalho, do trabalho para a escola.

TODOS OS QUE PARTICIPAM DE PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO, NO EXTERIOR, SABEM MUITO BEM COMO É FÁCIL CONCILIAR TRABALHO E EMPREGO

O Brasil é uma caixa surpresa, cujo boneco de mola dela não consegue saltar, porque o laço que a envolve foi amarrado com muita força. Afrouxando-se um pouquinho o laço, o divertido boneco vai pular, provocando a alegria e o contentamento geral. O laço da burocracia existe no mundo inteiro, mas nesta nossa pátria ficou apertado demais.

As ruas pálidas e quase sem vida refletem isso. Porque a burocracia, ao amarrar o movimento feliz dos bares, restaurantes e cafés, não deixa a nossa gente bronzeada mostrar todo o seu valor.

Sociedades travadas pela burocracia têm cidades e ruas hostis às pessoas. Suas vielas, avenidas e vias expressas são dominadas por motores e engarrafamentos, poluídas pela queima da gasolina e do diesel, ensurdecidas por acelerações, buzinações e xingamentos.

Cidades com ruas movimentadas por pessoas são, também, cidades bem mais seguras. A maior vigilância que se pode oferecer a um lugar são os olhares dos transeuntes, é o vaivém, é o balé das calçadas.

Mesmo quando o comércio em geral encerra o expediente, às seis da tarde, os bares, os cafés e os restaurantes permanecem abertos até à noite, criando pontos de iluminação e movimento de gente nas ruas. Por isso, as ruas dos bares, cafés e restaurantes são mais seguras. Os marginais preferem ruas vazias.

A presença de pessoas atrai outras pessoas. Gente gosta de gente. A movimentação de gente é um requisito básico de segurança. O vaivém é fundamental para que se mantenha a civilidade nas ruas.

² Gehl, Jan. *Cidades Para Pessoas*. 1ª edição, pág.25. *Perspectiva*. "As pessoas reúnem-se onde as coisas acontecem e espontaneamente buscam outras pessoas. Entre escolher caminhar por uma rua deserta ou uma rua movimentada, a maioria das pessoas escolheria a rua cheia de vida e atividade. A caminhada será mais interessante e segura".

MANIFESTO SIMPLIFICA BRASIL





Ipanema (foto), Leblon, Copacabana e Leme: calçadas vivas levam estes bairros ao menor índice de automóveis roubados no Rio

A RUA MOVIMENTADA CONSEGUE MELHORAR A SEGURANÇA; UMA RUA DESERTA, NÃO

As ruas vazias emparedam e encarceram as famílias nas residências muradas e equipadas com guaritas.

Nós, humanos, temos um par de olhos, que nos permite apenas focar a tela do circuito interno ou enxergar fragmentos das cenas de rua, sem o alcance quilométrico da visão das águias ou a capacidade periférica da visão dos coelhos, de 360 graus.

O movimento ininterrupto de usuários dos bares e restaurantes, bem como do comércio em geral, assegura a multiplicidade de olhos atentos aos movimentos nas calçadas e ruas, policiando-as de forma espontânea e natural.

A insegurança, a desagregação da vida urbana e os excessivos deslocamentos motorizados são os impagáveis preços de uma cidade espalhada, descompactada, sem usos mistos, na qual mora-se em um lugar e trabalha-se em outro, bem distante.

Um estudo da USP, realizado por encomenda da Fiat Chrysler Automobiles, mostra que 70% das viagens urbanas são feitas para que se vá do trabalho à escola, e vice-versa. São os longos movimentos pendulares das cidades espalhadas que arruinam a mobilidade e a acessibilidade. As vias expressas passam a encabeçar uma inútil agenda de prioridades. E as calçadas ficam esquecidas. As calçadas são as passarelas das ruas.

Uma cidade espalhada, em que se mora acolá, trabalha-se alhures, diverte-se nos shoppings e em locais fechados, prescindem das calçadas. Essa cidade não tem o jeito Abrasel de ser, que é jeito das gentes.

³ Jacobs, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*, 3ª edição, pág.37. Editora WMF Martins Fontes Ltda.



André Stefano/SPCVB

A CIDADE ESPRAIADA É UM DESERTO DE PESSOAS, HABITADO POR INUMANOS DE CABEÇA, TRONCO E RODAS

Quanto mais erguem-se os elevados, furam-se os túneis, abrem-se as vias de trânsito rápido, mais automóveis saem das garagens e passam a circular nas cidades. Os automóveis espalham-se, pelo maior espaço disponível, como o gás, que instantaneamente ocupa todos os dutos e recipientes que lhe são oferecidos.

A principal causa dos engarrafamentos tem de ser atacada: a cidade espalhada e segmentada, que conduz à inarredável armadilha do transporte público caro e de baixa qualidade. O transporte público ruim e insuficiente leva a população a tirar os carros das garagens.

O Brasil não tem uma frota de veículos tão grande que, por si só, justifique o panorama geral das retenções e dos engarrafamentos na maior parte de suas cidades.

De fato, em sete anos, no período 2006/2013, a frota circulante cresceu, no Brasil, 65%. Saltou de 24,3 milhões para 40,1 milhões de veículos, aí considerados os automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus.

Mesmo assim, a frota brasileira é, proporcionalmente, bem inferior à média dos países europeus. Para que o Brasil atingisse o nível de motorização que se observa na Europa, o país teria de triplicar a sua relação per capita atual, que é de 200 automóveis para cada grupo de 1.000 habitantes. A relação per capita dos europeus é de 600 automóveis para 1.000 habitantes, isto é, 200% maior. Ou seja, para que o Brasil alcançasse o índice per capita europeu, a nossa frota teria de ser triplicada, passando dos atuais 40,1 milhões para 120 milhões de automóveis.

Por que motivo, com uma frota três vezes maior, o trânsito das cidades europeias é mais fluente do que o das cidades brasileiras? Os europeus costumam deixar os carros em casa. É que, na maior parte da Europa, a gestão urbana privilegia a mistura de usos, com o local do trabalho mais próximo às residências e aos provedores de serviços em geral, aí incluindo o comércio de rua, como os cafés, bares e restaurantes.

Frequentemente, aponta-se o metrô como a solução definitiva para os gargalos da mobilidade urbana. Moscou tem uma das maiores redes de metrô do mundo, com 320 quilômetros, 50% mais extensa do que a de Paris, que tem 215 km.

A capital russa é famosa por ter, porém, um dos piores trânsitos entre as grandes cidades dos países industrializados. O principal motivo está nos deslocamentos diários dos moscovitas, que majoritariamente residem nas periferias, em direção ao centro, onde se concentram os postos de trabalho. Em uma cidade horizontalizada e setorizada, como é o caso de Moscou, não há rede de metrô que, sozinha, consiga debelar os recorrentes congestionamentos.

O centro de Moscou carrega um problema adicional: a falta de vida em suas calçadas, que margeiam as largas avenidas e o rio. Os extensos parques verdes são igualmente vazios de atrações, excetuando-se os diversos monumentos, conforme diagnóstico do urbanista dinamarquês, Jan Gehl.

⁴ Jacobs, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*, 3ª edição, pág.5. Editora WMF Martins Fontes Ltda. "Os automóveis costumam ser convenientemente rotulados de vilões e responsabilizados pelos males das cidades e pelos insucessos e pela inutilidade do planejamento urbano. Mas os efeitos nocivos dos automóveis são menos a causa que um sintoma da nossa incompetência no desenvolvimento urbano".

MANIFESTO SIMPLIFICA BRASIL



Paris: metrô, ônibus, ciclovias, boas calçadas e comércio de rua, sem shopping center. Moradia, trabalho, cultura e lazer misturados

AS CIDADES DOS TRANSPORTES PÚBLICOS TÊM O JEITO ABRASEL DE SER

Nas cidades voltadas para o automóvel, e não para o transporte público, há a compulsão por elevados, túneis e vias expressas. Os bairros são cortados ao meio, apartados pelas largas pistas de trânsito rápido, que separam comunidades antes interligadas. Com passarelas distantes umas das outras, os pedestres aventuram-se em travessias de alto risco. Debaixo dos viadutos, disseminam-se a vadiagem, o lixo, a droga e a criminalidade.

As cidades espalham-se, horizontalizam-se, alargam-se territorialmente, cada vez mais. Os de maior renda vão para os condomínios. Os de menor renda, para as periferias desprovidas de infraestrutura. Multiplica-se o movimento pendular por toda a geografia urbana, das bordas em direção ao centro da cidade, e vice-versa.

A dispersão faz com que, em geral, a densidade urbana das cidades brasileiras seja muito baixa. São Paulo tem 7.300 habitantes por quilômetro quadrado. Belo Horizonte tem 7.200. O Rio de Janeiro, 5.200.

Paris, com densidade de 21.000 habitantes por km², tem o jeito Abrasel de ser: ruas movimentadas, em meio a um cenário de cafés, bares, restaurantes,

galerias de arte, floricultura, lojas diversas, livrarias, escolas, museus, teatros, hotéis, parques e praças.

Em Barcelona, considerada o mais recente paradigma das transformações urbanas, a densidade é de 17.500 habitantes por km². Barcelona é uma cidade, como dizem os americanos, com ruas completas e vivas (complete e living streets), no jeito Abrasel de ser.

Os países de cidades com ruas vivas são os mais visitados do mundo, tendo o charme como sua maior atração. Também são esses países os menos burocratizados. Há, aí, uma inevitável conexão de causa e efeito. Em pesquisa sobre a facilidade de fazer negócios, feita neste ano pelo Banco Mundial, na qual se abrangeu um universo de 189 países, o Brasil apareceu na 120^a posição. A França, no 31^o lugar. E a Espanha, na 33^a classificação.

À medida que as cidades brasileiras foram se horizontalizando, esparramando-se pelas bordas, nos remotos condomínios fechados das altas classes médias e nas periferias destinadas às populações de baixa renda, o burocratismo também se alastrou ainda mais, trazendo consigo maior carga tributária, menos qualidade nos serviços públicos, mais vigilância do Estado, mais intromissão na vida do empresário.

A LEGISLAÇÃO TRABALHISTA BRASILEIRA TEM MAIS DE MIL ARTIGOS, UM RECORDE PLANETÁRIO

O burocratismo aniquila com as células do organismo urbano saudável, com as mesinhas do lado de fora, com os toldos. Expulsa dos bares e restaurantes a mais qualificada música ao vivo. Inviabiliza a contratação do estudante que quer e precisa trabalhar. Impede a regulamentação da gorjeta. Encarece absurdamente as taxas de cartões de crédito, muito acima das taxas vigentes nos países da Europa, nos Estados Unidos, no Canadá, na Coreia do Sul, no Japão etc.

Os encargos trabalhistas brasileiros, por sua vez, representam 103% dos salários dos funcionários. Portanto, mais do que dobram os custos da folha de pagamento.

Na vizinha Argentina, a incidência dos encargos sobre a folha é de 70%. No Japão e nos Estados Unidos, respectivamente 12% e 9%. Ao excessivo peso sobre os ombros dos empreendedores de todo o país, soma-se a incessante perda de tempo com a papelada, ocupando as pessoas com uma inutilidade sem fim, que só contribui, perversamente, para a redução do nível de competitividade da nossa economia, que ano após ano, situa-se em um dos mais baixos do mundo.

Em pesquisa do Institute for Management Development (IMD), escola de negócios com sede na Suíça, a competitividade brasileira foi classificada na 54ª posição, entre 60 países analisados em 2014. Os dados brasileiros foram coletados pela Fundação Dom Cabral.

O exemplo mais comum do desperdício de energias do brasileiro é a singela abertura de uma empresa em São Paulo. Segundo o levantamento do Banco Mundial, a demora é, em média, de 102,5 dias, com 12 procedimentos. Na mesma comparação, a média dos países da América Latina e do Caribe é de 30,1 dias, com 8,3 procedimentos. E no âmbito dos 34 membros da Organização para a Cooperação Econômica (OCDE), a média é de 9,2 dias e de 4,8 procedimentos.

*Metade da população de Copenhagen
usa bicicletas diariamente, em
400 km de ciclovias. Até os políticos
vão ao parlamento de bicicleta*

Shutterstock



MANIFESTO SIMPLIFICA BRASIL

Barcelona foi amplamente revitalizada, a partir de 1986, quando se anunciou que a cidade sediaria os Jogos Olímpicos de 1992

Shutterstock





É NO OCEANO DAS INCERTEZAS QUE NAVEGA O EMPREENDEDOR, TENDO DE ADIVINHAR, NA CABEÇA DO JUIZ, O QUE É LEGAL OU NÃO

Como o Estado brasileiro é incapaz de medir e monitorar os parâmetros legais, a interdição total é o que lhe é mais cômodo. O desleixo e a inoperância da máquina pública produzem a peremptória negativa. Para se livrar do trabalho que teria com a medição, o monitoramento e a fiscalização, o Estado simplesmente diz “não”. Proibir é muito mais fácil. Faz parte do ócio destrutivo. Foi o que se deu com a chamada Lei Seca.

Assim sendo, o Estado brasileiro proibiu as pessoas de tomar uma taça de vinho fora de casa. A tolerância é zero. E ponto final. Enquanto isso, nas ruas das cidades francesas, espanholas, alemãs e italianas o limite de álcool, permitido aos que dirigem, é de 0,5 grama de álcool por litro de sangue (g/l). Em muitos outros países, como o Canadá e o Reino Unido, o limite é de 0,8 g/l.

O bar e o restaurante do europeu cidadão estão na vizinhança em que mora, em uma das tantas ruas que o rodeiam. Vai e volta a pé. Ou, então, para variar um pouco, pega o metrô ou ônibus em direção a um bairro mais distante, também trançado por ruas vivas, limpas, iluminadas, com cafés sob toldos, música ao vivo no bistrô da viela, ciclistas que vão estacionando suas “magrelas” no bicicletário.

O mais corriqueiro é o que o frequentador dos bares, cafés e restaurantes não saia de carro, porque lá o estacionamento é dispendioso e raro, e em algumas cidades europeias há até pedágio para os que ousam dirigir nas áreas centrais. É este o jeito Abrasel de ser.

MANIFESTO SIMPLIFICA BRASIL



Nos anos 1980, o centro de Melbourne, na Austrália, era vazio, só com escritórios. O incentivo à moradia, às ruas de pedestres e ao comércio mudou o cenário

APRESENTAMO-NOS COMO O *SHOWROOM* E O *SHOWRUA* DAS SOLUÇÕES URBANAS E HUMANAS DESTE PAÍS CONTINENTAL

Vamos descomplicar o Brasil, simplificando-o. O que se propõe é que, do Oiapoque ao Chuí, se promova uma grande transformação, uma autêntica virada cultural e civilizatória, com os pés no chão, com os pés nas ruas. Por isso, os bares, cafés e restaurantes são o laboratório nacional do tão sonhado salto na qualidade de vida dos brasileiros, cuja plataforma é a rua.

A rua dos bares e restaurantes desponta como a parte mais visível de uma gigantesca engrenagem da economia nacional, que é o setor de serviços,

responsável por 69,4% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

Do bolo do PIB, a fatia da indústria é de 24,9%. E a da agropecuária, de 5,7%, conforme dados do IBGE, divulgados em fevereiro de 2014.

O Brasil precisa começar a lubrificar a engrenagem do setor de serviços, para que o PIB avance em quantidade e qualidade. Os primeiros passos, nessa direção, têm de ocorrer no território da cidadania, que são as calçadas e as ruas.

RESOLVENDO-SE OS PROBLEMAS DOS BARES E RESTAURANTES, RESOLVEM-SE OS PROBLEMAS DO BRASIL.

É nas ruas de milhares das cidades brasileiras que está a Abrasel com seus associados.

O que a Abrasel tem a dizer ao Brasil inteiro é muito claro, direto e simples. As nossas cidades florescerão quando suas ruas forem, de fato, sustentáveis, seguras e saudáveis. São os bares e restaurantes que mais vida dão às ruas. São as ruas que dão vida às cidades. É nas cidades que vivem mais de 80% dos brasileiros. Assim, na base do desenvolvimento nacional, está a Abrasel; estão seus bares, cafés e restaurantes.

O que amarra o país é a burocracia, são as travas burocráticas, é o excesso de normas, regulamentos e

leis. De uma vez por todas, vamos fazer o país deslanchar, começando do começo, começando pelas ruas. É nelas que vamos iniciar a caminhada rumo a um amanhã de mais negócios, mais empregos, com um desenvolvimento verdadeiramente integrado, humano e solidário.

A mensagem da Abrasel é uma só. Clara, direta, simples.

Simplifica, Brasil.

Simple assim. Simplifica, Brasil.

Vamos lá, a partir das ruas, a partir de hoje, a partir de agora.

Sou o Brasil, sou Abrasel.



MANIFESTO SIMPLIFICA BRASIL

CINCO PAUTAS DA TRANSFORMAÇÃO DO PAÍS, A PARTIR DOS BARES E RESTAURANTES



Marília Cabral

*Apenas com bares e restaurantes,
movimentados até à noitinha,
há ruas bem mais seguras,
como esta do Leblon, no Rio*

1. CALÇADAS, A PRIMEIRA PLATAFORMA DA MOBILIDADE URBANA

Nos 5.57 mil municípios brasileiros, a construção, conservação e limpeza das calçadas são de responsabilidade do proprietário do terreno ou imóvel. A Abrasel defende que essas atribuições sejam de responsabilidade das prefeituras. O ex-presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR), Haroldo Pinheiro, afirma que nosso país tem as “piores calçadas do mundo”. É comum que sejam esburacadas e estreitas, com os obstáculos de postes, lixeiras e árvores. Comumente, servem como entradas de garagens, cortadas por rampas ou degraus. As calçadas ideais são as que funcionam como corredores de passagem. Devem também dispor de alargados locais de permanência, que tenham a função de promoverem a interação humana em frente a bares, confeitarias e cafés.

2. QUE HAJA FACHADAS ATIVAS NOS TÉRREOS DOS EDIFÍCIOS

As fachadas ativas são a parte térrea de qualquer sobrado ou prédio que se destina a alguma atividade comercial, como um restaurante, uma delicatessen ou uma floricultura. Com a definição do uso não residencial ao piso da edificação, promove-se o movimento nas calçadas, tornando a cidade mais segura. As fachadas cegas, isto é, muradas, cercadas ou que apenas contêm a entrada dos prédios, tornam a caminhada dos pedestres vulnerável à ação de marginais. Cada hotel, supermercado, padaria ou restaurante em uma rua é um ponto irradiador de vida, de entra-e-sai das pessoas.

3. EXPOSIÇÃO PÚBLICA DOS AUTORES DA ENXURRADA DE LEIS

Desde o ano de 1988 (quando foi promulgada a Constituição) até 2016, criaram-se 3,85 milhões de normas nos municípios brasileiros. Ou seja, 540,91 normas por dia útil. Os dados são do Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação. A compulsão legiferante impõe obrigações sem sentido, tais como a de se ter cadeira para obesos, a de se fornecer água gratuita nas mesas dos fregueses, a de se fixar inúmeros cartazes e documentos nas paredes do restaurante, inclusive com informações dos nutrientes presentes nas travessas e réchauds de um comida a quilo. A exposição ao ridículo do dos autores de tais leis é um serviço de utilidade pública, uma vez que os eleitores ficam sabendo quais são os parlamentares que praticam, em seus mandatos, o exercício do ócio destrutivo.

4. CIDADE COMPACTA E DE USOS MISTOS NOS PLANOS DIRETORES

A cidade monofuncional, na qual territorialmente seccionam-se as zonas específicas para moradia, comércio, serviços públicos, áreas hoteleiras e outras atividades específicas, é a de elevada dependência do transporte individual motorizado. Espraiam-se em periferias, o que provoca o encarecimento e a inviabilização da estrutura urbana às populações de menor renda. Por isso, os urbanistas são unânimes em recomendar que haja mistura de usos, residindo-se próximo aos locais de trabalho, estudo, lazer, estudo, atendimento à saúde. “O saudável é que possamos fazer 90% das atividades diárias perto de onde a gente mora. E, para as movimentações que ficam fora desse dia a dia típico, usemos um bom e eficiente transporte público”, diz o arquiteto paulista Carlos Leite. A cidade territorialmente espalhada também provoca danos ambientais às bordas urbanas, comprometendo os cinturões verdes e os mananciais de água.

5. LANÇAMENTO DA INICIATIVA FOCADA NA ECONOMIA CIRCULAR



A Abrasel quer os estabelecimentos da alimentação fora do lar tornando-se plataformas da economia circular. Bares, restaurantes, cafés, bistrôs ou lanchonetes passando a ser o “show-rua” de um dos mais inovadores sistemas mundiais de sustentabilidade ambiental, social e econômica. Por meio dele, produtos e materiais que são hoje descartados, passam por um processo de reconceituação, renovação e reutilização. As sobras de alimentos de alimentos, frutas e legumes que comumente ocorrem nos bares e restaurantes, por exemplo, são transformadas em compostagem, convertendo-se em adubo orgânico. O óleo de cozinha usado pode ser transformado em resina para tintas, sabão, detergente, glicerina, ração para animais, e até para biodiesel.

MANIFESTO SIMPLIFICA BRASIL



Shutterstock

Simultaneamente, a economia circular inclui a logística reversa de garrafas de vidro e plástico, embalagens de alumínio e isopor, bem como a restauração e reuso do mobiliário de mesas, cadeiras e balcões. As medidas voltadas à sustentabilidade ambiental e econômica dos estabelecimentos estendem-se ao reuso da água e à instalação de coletores solares, com vistas à geração de energia gratuita e renovável. Está lançada a iniciativa Abrasel da economia circular. Seu objetivo é difundir esse novo conceito de sustentabilidade a todo o país, a partir das ruas de nossas 5,57 mil cidades brasileiras.

DA ECONOMIA LINEAR À ECONOMIA CIRCULAR

A revolução industrial inaugurou, em 1760, a era da economia linear. O que desde então passou a dominar o mundo é o mesmo modelo: cada vez mais arrancar as matérias-primas da Terra, produzir, consu-

mir e descartar. Estamos caminhando para o terceiro século sob o império global da mesma engrenagem da correia transportadora, que vai da mina ao lixo, passando pelas fábricas. A manutenção dessa matriz já acarreta a extração dos insumos de um planeta e meio.

Segundo a ONU, a exponencial curva de matérias primas extraídas da Terra, atingirá 180 bilhões de toneladas no ano de 2050, com um crescimento de 818% sobre as 22 bilhões retiradas em 1970. Mas, em vez de olhar o futuro com as lentes do catastrofismo, passa-se a enxergá-lo na nova pela ótica da solução, representada no conceito da economia circular, que gradualmente (mas de modo contínuo) vem se disseminando nos países mais avançados do Hemisfério Norte. Em vez de se arrancarem mais matérias primas das entranhas do planeta, passa-se a reutilizar os produtos e componentes que já foram fabricados em diferentes épocas.



Shutterstock

A economia circular inclui a logística reversa de garrafas de vidro e plástico, embalagens de alumínio e isopor, bem como a restauração e reuso do mobiliário de mesas, cadeiras e balcões

BIOMIMÉTICA: A NATUREZA ATUANDO COMO MENTORA DOS PROCESSOS DE INOVAÇÃO

O conceito de circular vem da natureza, em que nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. As folhas caídas da árvore servem para ilustrar o que continuamente ocorre em toda a biosfera. Se caem é porque perderam função na árvore. No solo, são degradadas por micro-organismos vivos, transformando-se em substâncias químicas revitalizadoras da natureza, como o oxigênio e os sais minerais. Funcionam como adubos para o solo. Assim, igualmente, os bens que não queremos mais usar deixam de ser lixo para ser lucro, tanto para os nossos ne-

gócios quanto para a sociedade e o meio ambiente.

O conceito de economia circular originou-se da biomimética, que é uma área da ciência voltada ao estudo das estruturas biológicas e das funções da natureza. Toma-se a natureza como referência e fonte de inspiração para, com base em seu funcionamento, criarem-se modelos de novos designs e processos. Desde a sua origem, há 4,5 bilhões de anos, a Terra está em incessante processo de transformações, tanto no seu interior quanto na superfície. A observação científica da natureza serve de mentora para se estruturarem macroprocessos de inovação, como se deu com a concepção da economia circular.

REPERCUSSÃO ENTRE URBANISTAS

OS APLAUSOS DOS URBANISTAS AO MANIFESTO DA ABRASEL, LANÇADO EM 15 DE ABRIL DE 2015

“**Que os bares estejam nas ruas, e não dentro dos condomínios. É preciso que haja convivência espontânea nas ruas. É fundamental, para a qualidade de vida de uma cidade, que nela haja mistura de renda, idade, etnia, moradia, trabalho, comércio. As cidades brasileiras não podem continuar separando tudo, morando-se aqui, trabalhando-se lá, com grande prejuízo para a mobilidade**”

JAIME LERNER

Logo que tomou conhecimento do manifesto ‘A partir das ruas, simplifica Brasil’, Jaime Lerner disse: “Assino embaixo, com entusiasmo. O Brasil está precisando de um movimento assim”. Este endosso veio daquele que foi eleito, em abril de 2018, o segundo mais influente urbanista do mundo, em pesquisa internacional realizada pelo site Planetizen, de Los Angeles. Na votação dos internautas, o primeiro lugar ficou com a ativista americana Jane Jacobs (1916/2006), autora do livro ‘Morte e Vida de Grandes Cidades.

O arquiteto, urbanista e designer Manoel Coelho, um dos mais ativos integrantes da equipe atuante nas três alternadas gestões do prefeito Lerner em Curitiba, enviou a seguinte mensagem à direção da Abrasel: “O conteúdo desse manifesto é uma verdadeira aula de urbanismo. Jamais li algo tão claro, simples e objetivo sobre como se resgatar o espaço público das nossas cidades”

Outro integrante dos quadros municipais da capital paranaense na era Jaime Lerner foi o arquiteto Norberto Sganzerla, que posteriormente mudou-se para Santa Catarina (seu Estado natal), tornando-se presidente da Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville (IPPUJ) e, depois, secretário municipal de Infraestrutura e Urbanismo de São Francisco do Sul (SC). Ele redigiu a seguinte declaração de apoio ao manifesto, após ler o documento:

“A Abrasel está realmente de parabéns por essa iniciativa, que merece o apoio de toda a sociedade brasileira. Ter mais pessoas nas calçadas é uma ação de amor às cidades. Qualquer estabelecimento que tenha uma porta aberta para a rua deveria ser considerado equipamento



Na foto, da esquerda para a direita: Lerner, Paulo Solmucci e Pedro Hoffmann

de interesse coletivo. Eles atraem as pessoas, e isso se traduz em mais segurança e convívio. A campanha da Abrasel é sensacional”.

O manifesto gerou reações até mesmo fora do ambiente relativo à gestão urbana. O empresário Ulrich Kuhn, que durante 26 anos dirigiu a área de comércio exterior da Companhia Hering, sediada em Blumenau (SC), aplaudiu o teor do documento, dizendo-se surpreso com o ineditismo do texto. “Nunca me passou pela cabeça que unir ‘boteco’ - desculpe-me a expressão - à ‘simplificação’ pudesse gerar um documento desse quilate. Muito bom. Muito bom mesmo; excelente”.

O jornalista e escritor Toninho Vaz, autor do livro sobre as memórias profissionais de Jaime Lerner, intitulado ‘O que é ser urbanista, ou arquiteto de cidades’ (Editora Record), igualmente elogiou a iniciativa do manifesto, enviando o seguinte e-mail: “A ideia básica da Abrasel, no esforço de simplificar a vida urbana brasileira, de tão boa e oportuna, parece mesmo uma utopia. Morar próximo ao trabalho,

utilizar meios de transportes inteligentes e modernos, fazer as refeições sem muitos deslocamentos e ter espaços disponíveis e saudáveis para todas as idades”.

Seguem as declarações de endosso ao manifesto, proferidas por destacados urbanistas e arquitetos brasileiros logo após a divulgação do documento, em 15 de abril de 2015.

Haroldo Pinheiro, presidente fundador do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/Brasil), tendo exercido o cargo no período 2011/17; professor de Projeto no Centro Universitário IESB, em Brasília.

“Qualificar os espaços públicos das nossas cidades é um movimento que precisamos revigorar. Com o movimento da Abrasel reforçando isso, será muito positivo. Começando pelas ruas e calçadas, passando pelos parques e praças, pela recuperação dos rios e, também, pelo transporte público de qualidade. Quando vamos a Paris, Nova York, Buenos Aires ou Montevideo, a gente vê o valor que se dá ao espaço público”.

REPERCUSSÃO ENTRE URBANISTAS

Sérgio Myssior, comentarista da Rádio CBN, sócio-diretor do grupo MYR Projetos Sustentáveis, com ênfase no planejamento urbano e socioambiental, tendo clientes públicos e privados.

“As pessoas vivem cada vez mais distantes das oportunidades e dos serviços. Parte significativa da jornada de trabalho é consumida no movimento pendular casa-trabalho. Retomar a diversidade de uso, ocupação, renda e serviços contribui para a vitalidade da cidade e para a melhoria da qualidade de vida. Reduz distâncias e tempo, otimiza e democratiza os recursos e a infraestrutura urbana”.

Silvia Lenzi, ex-presidente do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF), integrante da equipe responsável pelo plano diretor da Cidade Pedra Branca, no município de Palhoça.

“O resgate da qualificação dos espaços das cidades, a partir de uma escala humana, demanda esforços convergentes dos distintos atores sociais, principalmente para a geração de centralidades urbanas mais compactas, possibilitando a redução dos custos de instalação da infraestrutura urbana. Demanda, também, a garantia de diversidade dos usos nas zonas centrais, inclusive o habitacional”.

Luiz Fernando Janot, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), articulista do jornal O Globo, ex-presidente do departamento fluminense do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB).

“A cidade compacta é a cidade sustentável do século XXI. É aquela que racionaliza, com eficiência e economia, os meios de transporte coletivo, o uso de energia, os sistemas de saneamento básico, a segurança pública, entre outros aspectos relevantes ao seu desenvolvimento presente e futuro”.

João Diniz, professor de Arquitetura da Universidade Fumec, em Belo Horizonte, diretor da JDArq, que executa projetos nas áreas de edificações, interiores, design e urbanismo.

“O grande desafio é a requalificação dos centros das cidades e de suas áreas tradicionais, que na ver-

dade são a alma delas, promovendo-se o uso híbrido, com funções urbanas integradas, a renovação de imóveis antigos, a revalorização dos espaços públicos tradicionais, um programa de maior inclusão social em espaços de cultura e lazer”.

Claudia Pires, comentarista da CBN Belo Horizonte (Discuta BH), ex-presidente do departamento mineiro do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB/MG), no qual integra o Conselho Superior.

“O manifesto da Abrasel marca uma posição de convergência com o pensamento urbanístico do atual momento. O modelo segregado e setorizado, preconizado como a solução para as cidades mundiais, demonstrou-se insatisfatório para resolver os problemas urbanos”.

Tarcísio Bahia, carioca, radicado no Espírito Santo, arquiteto e urbanista, articulista semanal do jornal Gazeta Online, ex-secretário municipal de Desenvolvimento Urbano da Serra (ES).

“A rua deveria ser o lugar de encontro. No entanto, ela tem se transformado num espaço de passagem em que não se quer estar. Ruas inseguras são as ruas sem bares ou qualquer outro tipo de ambiente que favoreça a cumplicidade de quem quer dividir as experiências que a cidade proporciona. Certamente não é essa a cidade que eu, nem a Abrasel, nem a que muitos de nós desejamos”.

Demetre Anastassakis, arquiteto e urbanista, falecido no Rio de Janeiro, no sábado de 27 de julho de 2019, aos 73 anos de idade. Nasceu em Atenas, com a família emigrando da capital grega para a cidade do Rio, quando tinha 10 anos de idade. Foi presidente do departamento fluminense do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB/RJ) e, posteriormente, presidente do IAB nacional, e vice-presidente do Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva.

“Cidade compacta, cidade de troca, cidade viva, cidade segura. A cidade que sonhamos é essa, acessível em todos os sentidos. É a que as pessoas circulam, trocam ideias, mercadorias, vivências. É a que tem aglomeração, economia de escala e de aglomeração”.



REVISTA BARES E RESTAURANTES. INFORMATIVA. INFLUENTE. INTERESSANTE. AGORA NA VERSÃO DIGITAL.

Reportagens exclusivas, colunas de especialistas e conteúdo interativo esperam por você na versão digital, da mais completa publicação sobre o setor de alimentação fora do lar no Brasil.



Acesse: abrasel.com.br/conexao

Encontre apoio para aumentar a produtividade do seu negócio

Faça parte da rede profissional exclusiva do setor de bares e restaurantes e conecte-se com empresários e especialistas de todo Brasil.

Orientações e soluções para o seu negócio com temas como acesso a crédito, gestão de caixa, retenção de clientes e negociação com fornecedores.

- Comunidades temáticas
 - Materiais de apoio
 - Agenda de eventos
- E muito mais.

Aponte a câmera do seu celular e faça já o seu cadastro. É grátis!



redeabrasel.com.br